

***TRES MOSQUETEROS, DE MARCELO
BIRMAJER, E O HUMOR JUDAICO***

NANCY ROZENCHAN

Abstract

As elsewhere in dictatorial regimes, the stories of political antagonists in Argentina who “disappeared,” and the literary works that try to make sense of the subject, remain troublesome. Many Jews were persecuted and victimized during the dictatorial period, as shown in Marcelo Birmajer’s *Tres mosqueteros*. In his book, the need to retell the story, to indicate that at least among fellow-combatants their memory has not been forgotten, hangs over the history of the “missing.” According to the author, what is new in this novel is the cynical, yet understanding angle that was used, a stripped, raw, and realistic point of view, in which the lightness of the protagonist’s humor stands out. By making extensive use of humor, Birmajer’s narrative relieves part of the tension that an issue as the murdered Montoneros raises. Starting from the idea that the Jewish contribution to Argentinian humor is primarily intellectual, the approach of this Argentinian novel tries to understand how this humor, involves the main plot – the “disappeared” and the backgrounds – dictatorship, a story of love and death, memory.

Key words: Marcelo Birmajer, *Tres mosqueteros*, Jewish humor.

A vida dos judeus na Argentina, marcada por fatores – gloriosos, alguns, e trágicos – muitos outros, destaca-se no conjunto da vida de seus conterrâneos nos demais países da América Latina e o ultrapassa tanto em proporções como em agruras.

À glória dos resultados da colonização agrícola nas colônias da JCA e da presença cultural no país, antepõe-se a densa participação política cujos marcos trágicos, que continuam a irromper de forma inimaginável e assustadora e prolongam-se até o século XXI, indo desde a intensa atividade nos movimentos revolucionários [principalmente na década de 70], ao número desproporcionalmente grande de mortos ou desaparecidos em função desta atuação, o número igualmente grande de jovens judeus torturados na Guerra das Malvinas [década de 80], os atentados à embaixada de Israel e à sede comunitária em Buenos Aires [década de 90], até a morte do procurador da justiça Alberto Nisman [2015], em casos geralmente mal esclarecidos ou julgados.

No período da *guerra suja*, o mais horrível da história argentina, desapareceram de 7 mil a 15 mil pessoas, dentre as quais os judeus compuseram um número bastante elevado quando se leva em conta a proporção da população judaica no país. Os desaparecidos eram na maioria de organizações marxistas que contavam com expressivo número de ativistas judeus. A juventude judaica, altamente politizada, voltara-se aos diversos movimentos de reformas. Fatos importantes da década de 60, tais como a Revolução Cubana e a morte de Che Guevara, por um lado, e a Guerra dos Seis Dias, em Israel, foram chamarizes que atraíram os idealistas e disputaram a sua aderência. Jovens muito idealistas, que criam que a revolução estava diante de seus olhos e que lhes cabia prover a urgência do momento argentino, adiaram seus sonhos sionistas e cederam aos impulsos locais da ocasião voltando-se até mesmo à resistência armada. Dentre aqueles que sim atenderam ao apelo da ida à terra idealizada no Oriente, houve os que carregaram consigo um peso de consciência e de alma por terem deixado para trás a terra natal e o que lhes pareceu ser a concretização dos ideais mais prementes.

A frustração pela não elucidação dos crimes que afetaram particularmente os judeus argentinos, assim como a óbvia falta de desejo oficial de expor de forma absoluta o resultado de investigações, levadas ou não a efeito, sobre os eventos dos anos 70 em diante, a sensação de desação, de não haver solução e de impotência, contribuem para que cada novo evento trágico se some aos anteriores e fazem com que as velhas feridas permaneçam sangrando abertas.

Autores de livros, dramaturgos e cineastas argentinos cumprem importante papel ao trazerem à tona, vez após vez, em atividades incessantes, as temáticas da década de 70 em diante, abordadas de diversos pontos de vista. Os motivos para escrever ou filmar são óbvios. “Durante muchos años senti que me perseguía mi propia historia”, disse o cineasta Sergio [Shlomo] Slutzky,¹ em entrevista², e segue: “Mi madre podría haber estado en la Plaza pidiendo saber qué le pasó a su hijo.” Ativistas, terroristas, ou ex-ativistas e ex-terroristas, amigos ou não de desaparecidos, cada um tem uma história sobre o marco da década de 70.

Um dos pontos de partida de Marcelo Birmajer [Buenos Aires, 1966] para o livro *Tres Mosqueteros*³ foi a sua própria passagem pela militância de esquerda. A escrita, entretanto, tem origem muito diversa, algumas décadas antes, com o filme *Era una vez na América*, de Sergio Leone, sobre quatro rapazes judeus da época da Lei Seca da máfia de Nova York nos anos 20. Em entrevista⁴, o autor argentino relata sobre o filme, assistido quando tinha dezesseis anos, e sua concepção a respeito, em que um dos rapazes trai os outros três; mata dois deles e deixa escapar o terceiro, vivido por Robert de Niro. Birmajer completa: “Desde que vi esa película tuve la ilusión de adaptar esa trama a la historia argentina”.

A par da trama com os personagens nova-iorquinos, Birmajer declarou ainda que, mais do que o pendor para a esquerda manifesto na militância, o que o impulsionou ao romance foi o momento em que a militância se lhe revelou como um mundo de ilusões e de artifícios. Em suas palavras:

Me parece que la idea de la militancia es en más de un sentido, una idea

- 1 Nascido em Buenos Aires em 1956, partiu em 1976 para Israel, país onde vive até hoje.
- 2 Sal Emergui, “‘Sin punto y aparte’, la lucha de los judíos argentinos contra la ditadura”, *El Mundo*, 23.03.2014. Entrevista concedida por ocasião do lançamento de seu documentário *Sin punto y aparte* [2012] na Espanha. Disponível em <<http://www.elmundo.es/cultura/2014/03/23/532e9ee222601d690f8b456f.html>> (Acesso em 13.01.2016).
- 3 Marcelo Birmajer, *Tres mosqueteros*, Madrid 2001 e Buenos Aires 2007. As citações baseiam-se na edição argentina.
- 4 Verónica Abdala, “Escribo pensando que no hay mejor lugar que la memoria de los otros”, *Página/12*, 01.08.2001. Disponível em <<http://www.pagina12.com.ar/2001/01-08/01-08-14/pag30.htm>> (Acesso em 13.01.2016).

mesiánica: “Nosotros venimos a salvarlos, a hacer la revolución, a darles voz a los que no tienen voz”, que sí tienen voz. Una ilusión que plantea que incluso el alma humana podrá cambiar, dando paso al hombre nuevo. Y que es falsa, ilusoria. Diría entonces que la voluntad de revelar las contradicciones de ese discurso es la gran obsesión que motivó la escritura de esta novela.⁵

Outros tópicos habituais da literatura de Birmajer estão presentes em *Tres mosqueteros*, conforme suas palavras: “Aparecen también otras obsesiones que ya son tópicos de mi literatura, como la muerte y el amor sexual, dos componentes sobre los que inevitablemente avanzo.”⁶

Tres mosqueteros, ao contrário de tantos outros romances que brotam da América do Sul, não representa um país mitológico, mas sim a realidade histórica da Argentina. O cenário é a cidade cosmopolita de Buenos Aires, que o leitor vem a conhecer muito bem pela menção de bairros e ruas, sem quaisquer concessões à imaginação ou sonhos. É um retrato colorido por admiração, amor e nostalgia. A trama se passa no presente, mas o passado retorna para assombrar os personagens.

Javier Mossen, jornalista de trinta e dois anos, inimaginavelmente não ambicioso, relutante, trabalha em um jornal de Buenos Aires. Prefere estar tão longe quanto possível de uma história. Seu chefe, Senhor Pesce⁷, tem uma missão para ele: buscar Elias Traúm no aeroporto e entrevistá-lo.

Traúm é o único sobrevivente dos chamados “Três Mosqueteros”, um grupo de jovens judeus talentosos que participaram na década de 70 das atividades dos *montoneros*, a organização guerrilheira de esquerda que combateu pelo retorno ao governo do General Juan Domingo Perón e imposição do “socialismo nacional” na Argentina. No início de sua atuação,

5 Ibid.

6 Ibid.

7 Coincidentemente, um dos atores do filme de Sergio Leone tem o mesmo sobrenome: Joe Pesci. Alguns dos nomes de outros personagens podem levar a interpretações compatíveis com o tom e a temática do romance. O sobrenome Mitzkeien, do personagem Guidi, soa como ídiche, porém é improvável que tal termo exista. Aparentemente é composto pelo substantivo hebraico *mitz* [suco] e o verbo ídiche *keien* [kaien, significando mastigar]. O nome Traúm pode ser originário do substantivo alemão *Traum* [significando sonho].

o movimento gozou de apoio de Perón, mas, a partir de 1974, depois do retorno de Perón à Casa Rosada, as forças de segurança e a facção de direita do peronismo começaram a perseguir os *montoneros*. Após a morte de Perón, a sua viúva, Isabel, que ocupou o seu lugar, determinou a “eliminação do terrorismo”. A maioria dos dirigentes da organização foi condenada à morte ou exilada. Em 1976, quando a casta militar assumiu o governo, proclamou uma guerra aberta ao grupo, e os seus algozes sequestraram e mataram milhares de *montoneros*; a organização foi finalmente eliminada em 1979.

Traúm, que há anos vive em Israel, era alguns anos mais velho do que os outros dois companheiros, Guidi [Mitzkeien] e Benjamin [Janín], jovens muito talentosos, mortos pela ditadura militar duas décadas antes em razão de seus envolvimento políticos e talvez também por conta do fato de serem judeus.

A principal razão pela qual o jornalista Mossen é indicado e assume, mesmo que de má vontade, esta atribuição, de buscar o terceiro mosqueteiro no aeroporto e entrevistá-lo, parece ser porque ele também é judeu, ainda que distante da prática ou da crença judaica.

O tom burlesco do romance surge logo no início com a cena cinematográfica relatada sobre o assalto ao visitante de Israel. A entrevista demorará para ser feita pois o jornalista não é o único que espera por Traúm no aeroporto. Empurrado para fora do caminho, a próxima informação que Mossen obtém a respeito do visitante é saber que ele foi assaltado, despojado, e depositado na beira da estrada, quase como nos velhos tempos da Argentina, quando alguém suspeito corria o risco de ser “desaparecido”.

Ao invés de se dirigir à polícia para denunciar o sequestro, Mossen se volta para Ester, a mulher de sua vida, ou ex-mulher que o despachara por causa de uma pequena aventura extraconjugal. E a ela retornará em todos os frequentes momentos em que se sentir mais inseguro, carente e perdido. Nela ele encontra alento, mas outras mulheres não podem ser menosprezadas, para este ou outros propósitos.

Traúm, mais morto do que vivo, chega ao seu hotel. Mossen mostra-se preocupado com a sua segurança e, ao que parece, com razão. Entretanto, neste momento o seu chefe quer empurrá-lo para fora da história pois

pensara que se tratava de “uma certa história”, que, na verdade, era outra. Mas Mossen não se afasta e aos poucos vai aprender um pouco sobre o que tinha acontecido décadas antes e os prolongados efeitos colaterais daquela época. Por intermédio de Mossen, Birmajer explora a posição de jovens da geração seguinte à da “guerra suja”, parcialmente alienada em relação ao que ocorrera antes no país e que se assombra ao perceber a desmesurada dimensão dos trágicos acontecimentos ocorridos nas gerações anteriores.

Tres Mosqueteros é uma mescla curiosa e caótica abrangendo política, história, identidade judaica, amor, aventura: um pouco de romance policial, com homens sinistros aparentemente mantendo um olho sobre Traúm, talvez com as piores das intenções, bem como sobre Mossen, tentativas de reuniões secretas e encontros inesperados, uma boa dose de nostalgia dos inebriantes momentos revolucionários juvenis somada a uma tênue crítica à praticidade de tais atos, as memórias de Traúm de uma Argentina que há muito tempo ficou para trás, a vida amorosa de Mossen, e algumas surpresas que vão despontando ao longo da escrita.

Por que Elias Traúm voltou à Argentina depois de tantos anos de ausência? Seria somente pelo alegado motivo inócuo de dizer o *kadish* in loco pelos companheiros mortos pela repressão? E para despedir-se definitivamente do país? Ou para contar a história?

Qual é o papel do jornalista Mossen nesta história e como ele se confronta com ela? E quanto ao seu chefe?

O grande drama político da Argentina nos anos 70 acompanha o romance como uma sombra insistente, mas não preenche as suas páginas. A trama é completada por fios paralelos aos eventos políticos que, no presente, o tempo do encontro de Mossen e Traúm, são retirados por momentos dos antigos emaranhados em que se encontravam, para que se possa ver e entender, na medida do possível, como foram partícipes das antigas tramas e quais foram os seus papéis e, por fim, o que representam hoje.

Não se detendo demasiadamente nos aspectos políticos e traumáticos dos eventos e participantes da história argentina da década de 70, Birmajer viu-se livre para somar os fragmentos com que a obra se constrói. Medos e espantos do autor em relação àqueles que encontram uma causa pela qual lutar e pela qual arriscam a vida, conforme declarado em entrevista,⁸ foram

8 “Supongo que el miedo a la muerte es lo que hace que siempre me hayan fascinado

o impulso para a obra que, talvez para espantar este medo, se sustenta em grandes doses de humor e de humor judaico, um humor sempre corrosivo, autodenegridor, vinculado a aspectos dramáticos.

Definições diversas de “humor” indicam que humor é uma qualidade de ação, fala ou escrita, que excita e leva à diversão, estranheza, jocosidade, comicidade; ou pode ser a faculdade de perceber o que é absurdo ou engraçado, ou de expressá-la na fala, na escrita, ou em outra composição; imaginação ou tratamento jocoso de um tema. O humor é uma construção social que se revela na escrita, na fala, ou talvez apenas em nossa própria mente. Humor e o riso são temas culturais universais geralmente entendidos como um fenômeno social. Segundo o linguista Victor Raskin⁹, ao nos vincularmos ao humor, estamos lidando com uma característica humana universal. Reagir ao humor faz parte do comportamento, capacidade ou competência humanos.

O humor é socialmente paradoxal. No campo da comunicação, o humor pode ter tanto efeito de união como de divisão dentro e entre as partes que se comunicam, assim como pode tanto ser um lubrificante ou um abrasivo social.

Se é difícil especificar o que é humor, é muito mais difícil definir o que é humor judaico. A autora Chaya Ostrower, em estudo¹⁰ sobre humor judaico,

quienes encontraron una causa a la que sus vidas quedaron supeditadas, y que a la vez eso me despierta un violento rechazo. Me refiero a los militantes de los ‘60 y ‘70, básicamente. A mí la sola idea de esfumarme del mundo, de morir, me haría difícil vivir”. Abdala (nota 4).

- 9 Victor Raskin, *Semantic Mechanisms of Humor*, Dordrecht – Boston – Lancaster 1985.
- 10 Chaya Ostrower, “*Humor Yehudi*” [Humor judaico]. In *Zooloo*. <<http://www.zooloo.co.il/zooloo/more/humor/jew.asp>> (Acesso em 19.03.2014). São mencionadas os seguintes autores e respectivas obras: Elliott Oring, *The people of the joke: On the conceptualization of a Jewish humor*. University of California Press 1983. Avner Ziv (ed.), *Humor yehudi* [Humor judaico], Jerusalém 1986. Theodor Reik, *Jewish Wit, Gamut Press 1962*. B. Rosenberg & C. Shapiro, “Marginality and Jewish humor”, *Midstream* 4 (1958): 70-7. A. Obrdlik, “Gallows Humor: A sociological phenomenon”, *American Journal of Sociology* 47 (1942): 709-716. N. Ausubel (Ed.), *A Treasury of Jewish Folklore*, New York 1948. H. Eilbirt, “Jewish Humor: The Logic of Jewish Humor”, *International Humor: World Humor and Irony*, Membership Serial Yearbook [whimsy VI, 178-180] 1987. A. Dershowitz, *Chutzpah*, Boston 1991.

serve-se, dentre outros, dos autores Elliot Oring, Avner Ziv, Theodor Reik, B. Rosenberg & C. Shapiro, Antonin Obrdlik, Nathan Ausubel, H. Eilbirt, A. Dershowitz, para tentar definir o caráter deste humor.

A multiplicidade de descrições de humor judaico só confirma isso. O termo “humor judaico” deriva da conceptualização da história judaica como uma história de sofrimento, rejeição e desespero. Para se sobreponem às agruras, o fato de os judeus rirem e brincarem só pode testemunhar a sua afinidade especial com o humor. Oring sugere que o humor judaico precisa ser diferente do humor de outros povos que não foi criado pelo desespero, mas pela esperança e encorajamento. Oring sugere ainda que o rico humor judaico contemporâneo desenvolveu-se inicialmente porque, no final do século XIX, a faculdade de humor era considerada como sendo um dos sinais de uma humanidade civilizada, e os judeus sentiram a necessidade de demonstrar que haviam participado desta humanidade desde o seu surgimento como um povo.¹¹

Uma das formas que caracterizam humor judaico é humor autodepreciativo. A pessoa que sabe rir de si mesma usa um dos mecanismos de defesa mais eficazes: ao contrário do humor agressivo, em que se ri do próximo e de suas fraquezas, o humor autodepreciativo volta as setas ao próprio humorista. Esse humor pode ser considerado como um mecanismo de defesa.

Ziv, por sua vez, considera que o humor judaico é humor criado por judeus, destinado principalmente aos judeus e reflete aspectos particulares da vida judaica.

Reik define humor judaico como “uma sociedade que fala para si mesma sobre si mesma”, e acrescenta, “e como ela fala! Não só em milhares de diferentes maneiras de mudar o timbre da voz, mas com a adição de gestos e expressões faciais mutáveis”.¹² Assim, argumenta Reik, ler uma piada judaica não é como ouvir e ver aquele que a conta, porque a comunicação não é apenas verbal.

11 Elliott Oring, *Jokes and Their Relations*, Lexington Ky 1992, p. 117.

12 *Apud* Ostrower. Todas as traduções são de minha autoria [N.R.]

Na opinião de Eilbirt¹³, existem três requisitos básicos que devem aparecer, cada um deles separadamente ou em conjunto, para que se possa tratar uma piada como sendo uma piada judaica:

1. A piada brota a partir da vida judaica ou da experiência do povo judeu
2. A piada pode refletir um caráter verdadeiro ou como que verdadeiro ou um estereótipo que tem a ver com os judeus.
3. O humor depende do uso de expressões vernáculas na língua falada, com considerável vinculação com o iídiche. Este humor, cuja língua principal foi o iídiche, se difundiu no correr do tempo por toda a Europa e com a grande migração, para os Estados Unidos e eventualmente a outros países.

Alan Dershowitz enumera piadas de judeus que ele considerava originárias do século XIX e que floresceram novamente com a ascensão de Hitler. Ele aponta o humor judaico como sendo atemporal. Na sua opinião, as piadas são sempre relevantes, e recebem interpretação diferente de acordo com a época, seja na Europa Oriental no século XIX, onde os judeus viviam em condições muito ruins com um perigo real pairando sobre suas cabeças, na Alemanha ou na Argentina, no período com que Birmajer lida.

Nestas condições, desenvolveu-se um humor com características especiais para ajudar os judeus a lidar com as terríveis situações onde quer que se encontrassem. As festas que iluminavam a vida do mundo cristão ao redor dos judeus eram estranhas para eles. A sensação de tristeza acompanhava as suas vidas trágicas.

Do ponto de vista psicológico, seria de esperar que os judeus daquela época e naquelas condições de vida revelariam fenômenos de depressão, porém ali o humor agiu como um mecanismo de defesa. Defender-se de uma trágica realidade diante da qual a pessoa é impotente e não tem uma arma na mão não é algo simples. Segundo Ziv, uma forma possível é distorcer a realidade, para ver o absurdo dela e não só não chorar, mas reagir de forma oposta, rir.

Na opinião de Ausubel, os judeus chegaram a este temperamento

13 Ibidem.

pelo encontro com a realidade amarga. Eles sempre sentiram que deviam fortalecer o espírito com a arma do riso contra o mundo. Por rir dos absurdos e crueldades da vida, tiramos muito da sua mordacidade. De acordo com Ausubel, não as perseguições, não o sofrimento e nem a pobreza dos prisioneiros do gueto úmido conseguiram impedir os judeus de rir. O seu riso devia ser mais do que por uma alegria tola, algo mais do que apenas entretenimento. Ele devia ser a aprovação e a resposta definitiva para a crueldade do mundo. Assim, no humor judaico há um tipo especial de zombaria usado não apenas como uma interpretação severa da vida, mas também reparadora, apaziguadora, que ajuda a eliminar a dor da tragédia. Este humor suavizador pode ser denominado de “sal judaico”. Segundo Ausubel, muito do humor judaico é envolto em grande tristeza.

Para Shapiro & Rosenberg, a emancipação e a opção de integração na sociedade da maioria é que levou ao humor autodepreciativo. Mais precisamente, a agressão voltada para o interior é uma função direta da dualidade e da ambivalência.

Dustin Antonello¹⁴, retoma algumas colocações pertinentes ao humor judaico desenvolvidas em anos recentes nos Estados Unidos, mencionando alguns dos importantes estudiosos do assunto como Stephen Whitfield e Robert Cohn. Segundo Stephen Whitfield, da Universidade Brandeis, o humor judaico é baseado em autodepreciação e vitimização, uma caracterização propugnada há bastante tempo por muitos estudiosos, mas aparentemente não aplicável de forma direta a este romance. Ao contrário, duas décadas após a geração *montonera*, Traúm, que narrará o que aconteceu, está por cima, e volta para contar a história. Ou será que ao contá-la ele está procurando expurgá-la dos resíduos que continuam a arder na alma? É ainda Whitfield quem se refere ao humor definindo o caráter proporcionado pelas piadas: “piadas de judeus apresentam competitividade psicológica e agressividade verbal”.¹⁵ Não se pode deixar de lado o papel da vida familiar na composição do humor.

14 Dustin Antonello, “Jewish humor: moving beyond the Holocaust”. Publicado em 19.11.2004, atualizado em 07.07.2011 em *La Fayette*. Disponível em <<http://www.thelaf.com/news/jewish-humor-moving-beyond-the-holocaust-1.2516945?compArticle=yes#.UOi0g6z-vTo>> (Acesso em 03.07.13).

15 Ibid.

Outro aspecto do humor judaico é destacado em Robert Cohn, que ministra curso de humor judaico na Universidade Lafayette: “o humor judaico envolve questões que têm a ver com fronteiras culturais, costumes e estereótipos judaicos”.¹⁶ Ainda de acordo com Whitfield, o humor judaico é também conectado com humor político. Retornando a Robert Cohn, que usa o famoso ator Seinfeld para exemplificar, convém destacar a sua afirmação: “Jerry Seinfeld pode ser considerado pós-judaico, já que há pouco conteúdo judaico em sua rotina de comédia, mas a atitude, a perspectiva e tom são indubitavelmente judaicos”.¹⁷

Para Arthur Roy Eckardt, pastor metodista promotor das relações cristão-judaicas,

Humor judaico é geralmente substantivo, é sobre alguma coisa. Ele é fascinado pelos meandros da mente e da lógica. Como forma de crítica social ou religiosa, ele pode ser sarcástico, queixoso, resignado ou descritivo. Tende a ser antiautoritário, ridiculariza a grandiosidade e a autoindulgência, expõe a hipocrisia, cria um incentivo forte para realizar alguma coisa, e é viável democraticamente. Tem frequentemente uma vantagem crítica que tende a criar desconforto. Por fim, zomba de tudo e de todos, incluindo Deus e religião, enquanto que, apesar disto, busca uma nova compreensão da diferença entre o sagrado e o mundano.¹⁸

Em vista destas diversas opiniões, fica claro que nenhuma generalização do conceito de humor e, particularmente, do humor judaico, pode cobrir todos os casos ou os problemas de definição ou concepção. Alguns condizem com o romance em escalas diversas.

Como Birmajer elaborou os componentes do seu livro? Quais foram os fios que ele separou do emaranhado e reintroduziu na trama? Pode-se definir o caráter do seu humor judaico?

16 Ibid.

17 Ibid.

18 Arthur Roy Eckardt, “Today’s Heirs of Itzhak”, *Society* 29/4 (1992): 37. <[https://www.google.com.br/search?q=ECKARDT%2C+Arthur+Roy.+%E2%80%9CToday%E2%80%99s+Heirs+of+Itzhak%E2%80%9D%2C+in+Society+29%2C+4+\(1992\)+p.+37.&dq=ECKARDT%2C+Arthur+Roy.+%E2%80%9CToday%E2%80%99s+Heirs+of+Itzhak%E2%80%9D%2C+in+Society+29%2C+4+\(1992\)+p.+37.&aq=chrome.0.57.2482j0&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com.br/search?q=ECKARDT%2C+Arthur+Roy.+%E2%80%9CToday%E2%80%99s+Heirs+of+Itzhak%E2%80%9D%2C+in+Society+29%2C+4+(1992)+p.+37.&dq=ECKARDT%2C+Arthur+Roy.+%E2%80%9CToday%E2%80%99s+Heirs+of+Itzhak%E2%80%9D%2C+in+Society+29%2C+4+(1992)+p.+37.&aq=chrome.0.57.2482j0&sourceid=chrome&ie=UTF-8)> (Acesso em 03.07.2013).

Para isto é necessário concentrar-se inicialmente na figura do jornalista que deve se encontrar com o terceiro mosqueteiro no aeroporto. Javier Mossen, herói de nosso tempo, é um neurótico perdido, cuja depressão se esvaía somente para ser rapidamente substituída pela ansiedade e temor.

Não se pode esquecer que Birmajer intitulou o seu livro com o mesmo nome da famosa obra de Dumas. Assim, é preciso acrescentar um D'Artagnan ao conjunto, um quarto mosqueteiro, papel que é atribuído ao jornalista, personagem a partir de cujo ponto de vista a obra é narrada. Como os feitos de lutadores de capa-e-espada ou de atos terroristas não se completam enquanto não são escritos e registrados, o quarto membro do grupo, nascido quase uma geração depois, deve fazê-lo. Longe de feitos heroicos típicos dos mosqueteiros, o que se obtém por meio de Mossen é um relato em que se mesclam admiração a atitudes timoratas. Por intermédio dos encontros com Traúm, das aventuras burlescas que vive em meio a delírios persecutórios, ele sente na própria pele os arrepios e medos das situações em que é envolvido ou imagina estar envolvido; mesclam-se em seus temores os fantasmas dos dois *montoneros* mortos com outros fantasmas ligados ao Holocausto ou a situações históricas remotas absorvidas de sua leitura fragmentada da *Guerra dos Judeus* de Flávio Josefo. Ao mesmo tempo, deve-se frisar as posturas machistas das narrativas, tanto de Mossen quanto de Traúm, presentes mais na sua forma de expressão do que nos atos ou façanhas apregoados.

Mossen se mostra responsável e preocupado com o visitante, tenta protegê-lo mesmo sem saber do que, enquanto aquele segue uma trilha própria e com frequência desaparece do seu caminho. Na primeira vez, é sequestrado por taxistas inescrupulosos no aeroporto, que o depenam; em outras ocasiões, em novos sumiços, verifica-se que Traúm se encontra familiarmente na casa da mãe do jornalista tomando chá e comendo mussarela especial, ou lavando a louça na casa dela, algo tão comum para alguém que vive em Israel, mas aparentemente não em Buenos Aires, onde o que prevalece é o tom caricato. Isto se dá de forma tão corriqueira que Mossen acha que o visitante está tendo um caso amoroso com a mãe. É algo que afinal não soará tão estranho no romance uma vez que atos e relatos dos dois personagens são fartamente entremeados de casos e lembranças de

aventuras sensuais, em que não faltam descrições chulas. E, afinal, o que motivará uma perseguição verdadeira ao visitante proveniente de Israel é o histórico [e continuidade] dos casos amorosos. Traúm, tendo cumprido as suas diversas tarefas em Buenos Aires, inclusive aquelas vinculadas a relacionamentos com mulheres, tratará de embarcar rapidamente de volta para Tel Aviv.

É quando toma conhecimento do trabalho que tem pela frente, que Mossen é informado inicialmente por Ester sobre os rapazes *montoneros*. Traúm, nas diversas conversas regadas a uísque, mate e Pepsi, completa os dados com comentários sobre a tragicidade e incongruência de ser judeu e *montonero*, e expõe o aspecto autodestrutivo desta condição.¹⁹ Os elementos narrativos que se desenvolvem nas páginas que se seguem indicam que o entorno de então, assim como o do presente, incorporaram um tom bufô àqueles eventos.

Veja-se, ainda, por exemplo, a própria composição do conjunto dos três companheiros: enquanto Guidi e Benjamin tinham sido trotskistas, Traúm revela que era sionista e que tentou convencer os demais a seguirem o seu pensamento. No que se refere a uma das suas atividades políticas, os dois jovens mortos, esquerdistas, tinham editado dois números de uma revista denominada *Dios no Dice Nada*²⁰ a respeito da qual, mais adiante, se informa que era financiada pelos anúncios de um comerciante judeu, sionista. A incoerência das posições antagônicas, tanto do título da publicação, como do seu financiamento, assim como as posições políticas discrepantes, expõe o seu aspecto risível.

O teor político é acentuado mais adiante, em tom de humor político. Encontravam-se, Mossen e Traúm, na casa da família de Benjamin, para

19 Birmajer frisa esta questão em diversas entrevistas: “Ese punto de vista del que habla Birmajer se refiere ‘al problema de los judíos y de la izquierda, que en muchos casos les llevó a conductas autodestructivas’. ‘Es imposible ser argentino, judío y marxista. Puede ocurrir en la vida, pero eso no quita que sea imposible. Puedes tener voluntad de cambio, de mejorar la situación, pero creo que hay una contradicción entre el marxismo y el judaísmo.’” In “Birmajer narra una historia de amor y muerte en tiempos de montoneros”, *El País*, 15.05.2001, <http://elpais.com/diario/2001/05/15/cultura/989877604_850215.html> (Acesso em 04.07.2013).

20 Birmajer (nota 3), p. 28.

rezar ali um *kadish*, um dos propósitos declarados da vinda de Traúm a Buenos Aires. Ante as velhas fotos expostas na sala, Traúm menciona que já o pai de Benjamin tinha sido comunista e se vangloriara que o filho tinha nascido naquele aposento sob a invocação do pai dos bolcheviques. Quanto à casa de Guidi, a única foto exposta era a de um bisavô do pai, um rabino de muito renome, lituano, antichassídico. E na casa do próprio Traúm, a foto era do Doutor Herzl. [p.166] A cena é também dotada de uma pequena ponta de humor negro, humor geralmente vinculado à morte. Como no humor negro há um elemento triste, apesar da distorção que é feita, ele não costuma causar uma verdadeira risada. Em geral reage-se ao humor negro com um sorriso, às vezes amargo. Com o alívio da morte através do riso do lado dos que estão vivos, procura-se obter um meio de controle, embora não perfeito, sobre o incontrolável. A menção das diferentes fotos de personalidades totalmente antagonistas, que se esperaria fossem inspiradoras, algumas talvez quase que como “santos protetores”, evidenciando as principais linhas de pensamento que conviveram entre os judeus da Argentina, aliviam o peso do aspecto principal, que é o *kadish*. Nenhum dos “santos inspiradores ou protetores” cumpriu devidamente o seu papel.

Outra revelação surpreendente refere-se ao agora diretor do jornal para quem Mossen trabalha, o Senhor Pesce, um *goy*, assim ele é mencionado, que, mesmo não sendo *montonero*, também esteve vinculado ao grupo de rapazes judeus ativistas. Aspectos insinuados de suas posturas em relação a sexo pareceram justificar a sua afinidade com o grupo. Percebe-se uma falta de proximidade entre o jornalista e seu chefe que sempre demora a atendê-lo, principalmente ao telefone. Certamente não é por acaso que várias vezes é mencionada a mesma melodia de espera ao telefone, repetida ad infinitum, a centenária ou bicentenária *La cucaracha*. A quem seria referida a simpática melodia ou o abominável inseto? Será que a sua letra tradicional, da época da Revolução Mexicana, representa o auge do humor judaico/latino-americano zombeteiro do sentido das revoluções e dos combatentes em nome de ideais que se esboroaram?

À medida em que a obra avança, novos focos narrativos reveladores das atividades do passado e de humor – humor judaico – vão sendo expostos e se

sobrepõem aos anteriores. Assim é com a publicação na imprensa portenha da notícia do casamento da bela Cristina Sobremonte. Já se vê pelo nome de que é alguém estranha ao ninho. [p.109]. Na juventude ela tinha sido a amada dos três rapazes. Os sentimentos que Traúm, agora com 52 anos, revela com referência ao relacionamento múltiplo, indicam as paixões de então e que, no caso dele mesmo, não arrefeceram depois de tantos anos. Os traços cômicos relativos a Cristina, que se assentariam igualmente muito bem nos textos de Bashevis Singer ou de Woody Allen, ainda que contenham um sabor mais especificamente portenho, bem exemplificam como Birmajer conseguiu lidar com temas pertinentes a fronteiras culturais, costumes e estereótipos judaicos, campos em que o humor judaico pode se expandir livremente, como o autor argentino desenvolveu.

Cristina, que, no presente, mantém um cargo público de secretária ou subsecretária de saúde e ação social, que vai se casar com o milionário Ruiz Reches, tinha sido convertida e fora judia no passado. Não era uma marrana, como Mossen pensa inicialmente, mas cristã mesmo. Na adolescência, Cristina aprendera hebraico, se convertera e, como judia, atuara nos movimentos revolucionários da época. Seu pai, rico beerrão, atormentara a vida da mãe, Miranda. Miranda procurara o apoio de um psicólogo, o licenciado Torchinsky, com quem acabou se casando. Agora, conforme mencionado, Cristina vai se casar e não fica bem para Ruiz Reches que se saiba que sua esposa não só foi judia, como foi a amante de três judeus simultaneamente. Nota, é ela própria que conta o fato ao noivo, como se fosse uma mentira, mas insinuando a verdade.

O argentino-israelense Traúm, que aparentemente durante a sua semana de permanência na Argentina mantém algum relacionamento íntimo com a ex-namorada [em um aero-parque de Camet, em meio à vegetação circundante], não precisa voltar rapidamente a Israel por algum problema político, mas porque o rico noivo não suporta a ideia desabonadora de sabê-lo por perto. É complexo tentar delimitar até que ponto o humor judaico consegue alcançar quanto a este conjunto de personagens. São risíveis os judeus que tentaram salvar a Argentina como revolucionários ou serão risíveis os resultados do seu trabalho de arregimentação que procuraram mostrar aos argentinos cristãos que a salvação do país dependia mais dos

judeus voltados à defesa da nação e totalmente envolvidos nesta luta? O auge da ridicularização se faz pelo apequenamento dos personagens não-judeus, seja pelo papel medíocre atribuído ao jornalista-chefe, ao noivo que pretende auto-iludir-se ou à noiva de pomposo sobrenome [arremedo de algum sobrenome ídiche concluído com o substantivo *Barg* (montanha)] e desdém pela função pública mal informada.

O humor judaico envolve tanto as “grandes questões” quanto os sentimentos e sensibilidades pessoais de jovens que não são seguros quanto aos seus papéis. Quando o carente Mossen, que aprendeu a apreciar o israelense, o abraça como se fosse quase o seu pai [complexos ligados ao “pai judeu”], não suporta mais a ideia da proximidade de Traúm com a mãe [ela não é uma *ídiche mame*, fator assíduo do humor judaico, mas ele é um ciumento “filho ídiche”], e pergunta diretamente a Traúm se ele deitou com a mãe. A resposta é negativa, mas a resposta-definição que ele formula em seguida, um excelente modelo de “piadas de judeus que apresentam competitividade psicológica e agressividade verbal”, é mais do que reveladora:

¿Sabes cuál es la diferencia entre un *gentleman*, um judío e um buen judío? –me preguntó. [...] –La diferencia es a propósito de las aventuras sexuales. Un *gentleman* es alguien que no tiene memoria. Un judío es alguien que dignifica la aventura representándola de un modo ético en su memoria. Y un buen judío no tiene aventuras.²¹

É impossível afirmar se estas frases têm algum antecedente em piadas ídiches do século XIX. O que se verifica aí é que é uma exploração do ethos judaico de resultado hilário: depois de negar um relacionamento sexual, Traúm deliberadamente desmonta a resposta dada e as que poderia realmente ter fornecido, insinuando todas as opções possíveis quanto ao relacionamento, sustentando-se em fundamentos éticos irrepreensíveis. Ainda que não faça uso de nenhuma palavra ídiche [mas elas são quase audíveis], esta fala ecoa indubitavelmente um debate, um *pilpul* talmúdico. As respostas não precisam dizer respeito diretamente à pergunta. Ao bom entendedor, nada mais esclarecedor que um *pilpul*. Ao interlocutor nada

21 Birmajer (nota 3), p. 181.

resta além da confusão e da consciência de estar sendo redondamente enganado, de ter se tornado alvo de uma picante zombaria, e não ter como revidar para não aumentar mais ainda o vexame pelo papel de tonto pela pergunta inconveniente recompensada por uma perspicácia que o apequena definitivamente. O humor judaico, corretivo ou corrosivo, é atributo do vivido argentino-israelense. O jornalista portenho está longe desta capacidade.

À mencionada sagacidade é contraposto o comentário grosseiro sobre outro aspecto vinculado ao ser judaico. Sobre a conversão de Cristina ao judaísmo e posterior afastamento, Traúm assim se manifesta com o teor de humor sarcástico:

—¿Qué es la conversión? ... Te meten en una tina de agua, dicen unos rezos en arameo, qué se yo. Supersticiones. La conversión no existe. Pero ella fue judía durante um par de años, después dejó de serlo. Esas cosas pasan. De todo pasa.²²

A conversão de Miranda, a mãe de Cristina, e seu relacionamento com o psicólogo judeu vão mais fundo na questão do significado da atitude, e englobam o que significa ser casada com outra categoria de pessoa, um judeu desta vez:

La señora Miranda Vellini de Sobremonte se transformó en Miranda Torchinsky. Se metió en la Mikve, recitó el shemá y el mundo dio la bienvenida a una nueva judía. Estaba feliz de huir de los brazos de las bebidas blancas para refugiarse en las vides del Pueblo de Israel. Y el doctor Torchinsky, licenciado, perdón, no se podía quejar.²³

Ao colocar na mesma faixa componentes do judaísmo, da conversão isenta de convicção, dos atributos sócio-econômicos e morais dos maridos e, por fim, insinuar os aspectos sexuais dos relacionamentos, o comentário indica que todos os valores se esvaziam e se equiparam por baixo. O rebaixamento do marido não-judeu [difícil não lembrar a canção folclórica ídiche de que o *goy* está bêbado e precisa beber, porque é *góy*] é completado com

22 Birmajer (nota 3), p. 120.

23 Birmajer (nota 3), p. 122.

a ridicularização expressa pela arrogância da posição do novo marido, “doutor” e “licenciado”. Há deboche das possibilidades éticas que podem ser auferidas dos relacionamentos aviltados.

Segue-se a descrição dos dotes físicos da mulher, expressos em linguagem machista e quase chula, cuja reprodução é dispensável aqui. A comparação entre as possíveis conversas e falas que Miranda podia usufruir dos dois maridos – as do beberão *goy* e do psicólogo judeu portenho – são igualmente hilárias.

Uma das cenas rememoradas aborda outra questão do ser judeu, ou melhor, judia convertida. Preparar pratos típicos da culinária judaica é fator indispensável na construção desta identidade. Não são poucas as piadas desenvolvidas a respeito. Traúm, o agente da criação e transmissão do humor a um Mossen espantado e neurótico, menciona o momento em que se encontrava em relacionamento próximo a Cristina, e ao lado dela havia um *péquele*, um pacotinho de doce,- tarefa a que nenhuma mãe judia se furta – preparado pela mãe:

La madre, Miranda, había pasado una semana intentando encontrarle el punto justo al *léikaj*, el budín de miel. [...] No lo encontró. Pero igual estaba comible. Parecía una torta de chocolate sin gusto a chocolate. Era insípido pero inofensivo.²⁴

O lamentável *leikech* pode ser levado à categoria de parâmetro do que significa converter-se ao judaísmo em função de um casamento. Bolo e eventual conversão são igualmente insípidos. Apenas passam pela garganta mas não têm significado maior.

Este é o preâmbulo do episódio tragicômico em que Cristina quis lhe contar que o pai havia morrido. Apesar das circunstâncias infaustas, a cena é marcada por um quiproquó hilariante de desentendimentos. Que comportamento ela deveria adotar?

Torchinsky no es mi papá. Mi papá era *goy*. Y mi mamá es una *goy* convertida. Mi papá murió de cirrosis, ayer. Y yo no puedo ir a la fiesta de ustedes. No sé qué hacer: ¿cómo lo despido? ¿Le rezo a Cristo? Ustedes

24 Birmajer (nota 3), p. 127.

no tienen rezos a los muertos para las mujeres. Decime qué hago. ¿Cómo voy a la Chacarita? ¿Cómo me tengo que vestir?²⁵

A cena é prólogo para as relações sexuais que se seguiram, descritas em uma frase grosseira: “Me aproveché de ella. Fui el segundo mosquetero en tenerla.”²⁶ Como se pode perceber, é um relacionamento de abuso, de posse, quase de presa de guerra. O final do parágrafo – de que o *leikech*, como mencionado, estava passável, grotescamente beira o mau gosto.

Birmajer construiu esta obra como uma alusão paródica zombeteira e distante do livro de Dumas. Na verdade, foram poucos os elementos que extraiu do romance francês, mas utilizou-os de modo preciso para os seus propósitos, muito distanciados do uso original. Pensando como Linda Hutcheon, em *Uma teoria da paródia*,²⁷ Birmajer afastou-se da concepção de paródia como um recurso estilístico que deforma o discurso com o qual quer se equiparar. Sua paródia não é uma repetição, é melhor uma imitação pálida dotada de ironia cujo propósito não é zombar da obra que lhe dá origem, mas, sim, promover inversão de valores dentro da própria trama. A paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Versões irônicas de “transcontextualização” e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de ethos pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial.

Cristina é “Milady”, o enciumado e enfurecido noivo Reches que não quer Traúm por perto no dia do casamento, é “Richelieu” [p.158]. Segundo a autora canadense, a paródia não se caracterizaria apenas pelo seu potencial de subverter e de ridicularizar. Na modernidade, a paródia tornou-se a própria via predominante da criação artística.

Quando toda a história foi narrada, no último abraço de despedida, Traúm declara ao jornalista: “Éste es el momento em que debería ordenarte como cuarto mosquetero, como a D’Artagnan [...] Pero no creo que sea

25 Birmajer (nota 3), p. 128.

26 Birmajer (nota 3), p. 129.

27 Linda Hutcheon, *Uma teoria da paródia*, Lisboa 1985, p. 54.

conveniente para nadie.”²⁸ Enquanto, no decorrer da obra toda, é sustentada a imagem de mosqueteiros combatentes, na cena final, da qual resultará a não conveniência de nomear um D’Artagnan, ocorre a reviravolta trágica, a dita inversão de valores, quando Traúm confessa que seu papel não foi de mosqueteiro-*montonero*; tinha trabalhado para serviços secretos de Israel para proteger algumas pessoas: “[...] me mantuve cerca de ellos para obtener información, para cuidar a otros adultos: aquellos que tenían la suerte de ignorar que estaban siendo cuidados.”²⁹ Mas Traúm jamais utilizou os dados obtidos; os dados morrerão com ele. De onde se conclui que, com o retorno à Argentina, o israelense cumpre o dever de dizer o *kadish* pelos companheiros que não conseguiu salvar e, com a narrativa, que somente pode ser desenvolvida por quem a viveu, coloca uma pedra sobre o trágico passado.

O ponto de vista adotado nesta obra foi condicionado por um desconforto hedonista permanente, apenas mitigado pela posição humorística com que diversas partes da mesma foram aquinhoadas. Nestas condições, as faces opostas do romance se completam.

Ninguém vai negar que existe um alto grau de resiliência e coragem que é exibido em muitas histórias judaicas, e que tem servido como uma espécie de mecanismo de defesa, permitindo que os judeus enfrentem a adversidade. O fato de que os judeus são capazes de tirar um sarro impiedoso das deficiências do seu próprio povo é uma característica positiva. Autocrítica, e até mesmo autossarcasmo, fazem parte do processo de pensamento do indivíduo que está comprometido com a integridade intelectual e moral.

28 Birmajer (nota 3), p. 217.

29 Birmajer (nota 3), p. 216.